

# EXPERIMENTAR O EXPERIMENTAL: O CORPO VIRTUAL COMO CORPO VIVO EM CAPS LOCK.

Flora Dias<sup>1</sup>

## RESUMO | ABSTRACT

Este ensaio coloca as contribuições de um corpo que dança para o pensar-fazer da clínica em psicologia transdisciplinar no contexto remoto. Entretecidas dentro da graduação em psicologia na UFRJ, mais especificamente na Clínica das Formas de Vida, as perguntas, relatos e argumentos presentes aqui buscam criar uma linha de pensamento que dê suporte para a existência [digna] de um corpo online tridimensional. Para tal, propõe-se a diferenciação entre corpo-só-imagem e corpo-além-da-imagem, amparada pelos conceitos de atenção à vida, vigilância e autovigilância, dos virtuais, dos seres imaginários, do corpo-em-experiência, entre outros, para a afirmação do corpo vivo em caps lock numa prática clínica comprometida com a vida digna, ética, estética e politicamente qualificada.

**Palavras-chave:** psicologia, psicologia clínica transdisciplinar, encontros remotos, artes performativas, corpo.

This essay places the contributions of a dancing body to the thinking-doing aspects of a online transdisciplinary clinic in psychology. Interwoven within the undergraduate degree in psychology at UFRJ, more specifically at Clínica das Formas de Vida (Life Forms Clinic), the questions, reports and arguments present here seek to create a line of thought that supports the existence [dignified] of a three-dimensional online body. To this end, it is proposed the differentiation between an image-only body and a beyond-the-image body, supported by the concepts of attention to life, surveillance and self-surveillance, virtuals, imaginary beings, body-in-experience, among others, for the affirmation of the living body in caps lock in a clinical practice committed to dignified, ethical, aesthetic and politically qualified life.

**Keywords:** psychology; transdisciplinar clinical psychology; online meetings, performative arts, body.

<sup>1</sup>Psicóloga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Habilitada como Técnico em Dança, com ênfase em Bailarino Contemporâneo. Participou de projetos de extensão que versam sobre adolescência, clínica ampliada. Atuou também em projetos de extensão que pensam as práticas corporais no acolhimento de agentes comunitários de saúde do Rio de Janeiro durante a pandemia do covid-19. Integrou a equipe da Revista Fragmentos, associada ao Núcleo Trabalho Vivo (NTV), onde desenvolveu pesquisas acerca das atividades ligadas à arte, ao trabalho e às ações coletivas, com ênfase nos processos de autogestão e autonomia na organização dos estudantes de psicologia e seus efeitos no campo da saúde mental. Artista residente do Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, desenvolvendo pesquisa de linguagem em dança contemporânea e suas intersecções com a Pedagogia e a Performance.

*Experimentar o experimental  
 O nódulo decisivo  
 Nunca deixou de ser o ânimo  
 De plasmar uma linguagem  
 Convite para uma viagem  
 E agora?  
 Quer dizer  
 E o que que eu sou?  
 A memória é uma ilha de edição  
 Nasci sob um teto sossegado  
 Meu sonho era um pequenino sonho meu  
 Na ciência dos cuidados fui treinado  
 Agora entre o meu ser e o ser alheio  
 A linha de fronteiras se rompeu  
 Câmara de egos  
 Eu tenho o pé no chão  
 Mas a cabeça gosto que avoe*  
 (O Rappa, Intro 5, no álbum “O silêncio que precede o esporro”)

Clinicar agora é testemunhar os movimentos vitais de outra pessoa. Uma pessoa diante de mim pela tela, vinculada a mim pelo exercício da confiança<sup>2</sup> e também vinculada ao próprio processo clínico psicoterapêutico, ou pelo desejo de encontro consigo, um encontro testemunhado de si. A figura da testemunha aqui vai ao encontro da noção de Lapoujade apoiada em Souriau, da testemunha enquanto sujeito que percebe:

Nesse caso, perceber não é simplesmente apreender o que foi percebido, é querer testemunhar ou atestar seu valor. A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de *fazer ver* aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (*ver*), torna-se sujeito criador (*fazer ver*). (LAPOUJADE, 2017, p. 22).

E nós somos testemunhas que não sustentamos prova alguma, se tomarmos essa ideia de *prova* como um objeto, material ou não, capaz de sustentar uma acusação, defesa ou denúncia. E nós sustentamos apenas e não somente apenas um campo, tão minucioso quanto potente. Este ensaio se propõe a contar um pouco do trabalho que construímos dentro de uma equipe de estagiários em psicologia clínica, um grupo autogestionado chamado Clínica das Formas de Vida<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Confiança não como reprodução de certezas já confirmadas anteriormente, mas como confiança na força vital que se produz no presente a partir da abertura do campo.

<sup>3</sup> A Clínica das Formas de Vida (CFV) foi desenvolvida com base nas atividades e práticas do Núcleo Trabalho Vivo – Pesquisas e Intervenções em Arte, Trabalho, Clínica e Ações Coletivas,

Situando um pouco, A CFV é um dispositivo dedicado ao cuidado, experimentação e intervenção, com o objetivo de mapear e transformar modos de subjetivação caracterizados por sofrimento e adoecimentos. É uma abordagem transdisciplinar que combina referências teórico-metodológicas de diversos campos da psicologia (social, política, clínica e do trabalho), esquizoanálise, psicanálise, análise institucional, saúde mental e saúde do trabalhador. Influenciada pelo método cartográfico de Deleuze e Guattari (2005), a CFV procura mapear as linhas, forças, afetos e composições implicadas nas situações que geram as diversas formas de vida.

Enquanto espaço que busca produzir novos sentidos para experiências de sofrimento e adoecimento, e para ampliar as possibilidades de enfrentamento destas situações, a CFV visa potencializar o surgimento de forças e formas que afirmem modos dignos de existir. Ela busca construir passagens - pequenas e maiores - entre formas de vida controladas por poderes sobre a existência (operadores antivitais) e formas de vida intensificadas pelos poderes e potências de existir (operadores vitais). Identificar, construir e colocar tais operadores em movimento é um imperativo ético-político da CFV. Imperativo que fundamenta uma prática de atenção à vida, entendida como maneira de atender às exigências do mundo e aos próprios desejos, respondendo consciente e inconscientemente aos seus incessantes imperativos, sendo definida correlativamente como sentido do real (Lapoujade, 2017). A atenção à vida e os sentidos do real são operadores essenciais da CFV, a partir dos quais todos os demais operadores de sentido se desdobram.

Assim, o método e o objetivo do fazer cotidiano desta clínica pode ser sintetizado a partir da seguinte operação - “*tudo são forças e formas, e isto é corpo*”<sup>4</sup>.

Células a mil. O que pode ser o corpo? O que pode ser o corpo além das prescrições? Como perceber que é este corpo que me sustenta? Quais são os pactos que sustentam esse corpo? Neste momento, Kassia sustenta o pacto de não se matar para caber numa imagem. Mas ela fez um pacto consigo mesma. Ela fez um pacto de não se matar. E eu, do outro lado da tela, quais pactos eu sustento? Sustento o pacto de não esquecer que diante de mim está um corpo. Um corpo vivo. Um corpo emocionado. Um corpo vivo. Um corpo que pode ser tocado. Um corpo que chora. Um corpo que respira. Um corpo que sente. Um corpo que fala. Um corpo que grita. Um corpo que sente raiva. Um corpo que respira. Um corpo que respira com a mão na garganta. Um

---

vinculado à Graduação e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. As práticas clínicas da CFV integram estágios curriculares e atividades de extensão na clínica-escola da Divisão de Psicologia Aplicada (DPA), com a participação de estudantes de graduação em Psicologia nos atendimentos e de doutorandos e mestrandos nas supervisões clínicas. As atividades são coordenadas pelo professor responsável pelo projeto.

<sup>4</sup> Fala do nosso supervisor João Batista Ferreira no dia 24 de novembro de 2022.

corpo que respira e prende o choro. Um corpo que gagueja. Um corpo que hesita em dizer. Um corpo que prende a garganta. Um corpo que solta a garganta. Um corpo que respira. Um corpo que prende a respiração, e depois solta. Um corpo que deita, um corpo que levanta, um corpo dentro da sua casa, um corpo no escuro, um corpo que às vezes vejo só as bochechas, às vezes vejo olhos brilhantes, às vezes com delineado, as vezes sem, às vezes rindo, às vezes falando alto. E sente raiva. Sente muita raiva. Meu pacto é não aniquilar, pela falta de percepção, a raiva, o choro, o brilho, o levantar, o não levantar, o tom da voz que sobe, o riso na hora de falar o que não quer ser dito, o riso na hora de falar o que é inviável de dizer, o riso colado no choro, o choro colado no olho brilhando, o olho brilhando de raiva, de vontade de vingança, de amor e de vontade de viver. Kassia está viva. E eu estou aqui testemunhando isso. E é só isso. E é tudo isso.<sup>5</sup>

*Trabalhamos com o inesperado* é uma frase de Clarice Lispector em *Um Sopro de Vida*, que nos serve de leme cotidiano quando compomos o trabalho da clínica (ANDRADE, 2021). A frase denuncia a pura estética do improviso, experimentação cuidadosa, ato de criação. E não significa que não há preparação para o encontro. No meu caso, foi preciso seis meses de escuta, apenas, antes de colocar os pés e as mãos nas bordas do inesperado. Esse limiar - entre estar preparada e não estar preparada de forma alguma para se debruçar sobre o inesperado da clínica - é a experiência do saber colado no não-saber, face a face. Por que, no limite, não há o que fazer para se estar preparada para o encontro, além de ir de (e ao) encontro ao encontro - colocar-se na beira; posicionar-se diante de; abrir uma postura; sentar-se no limiar.

No uso cotidiano, fora do contexto da dança contemporânea, um sentido comum para a palavra improviso é sinônimo de plano B; caracteriza um desvio do prescrito, na maioria das vezes não intencional, causado pela impossibilidade de cumprir com o plano A pela falta de algo - de recurso, de habilidade, de possibilidade de escolha ou agência. A diferenciação do improviso na dança, no entanto, é justamente a sua condição de, momento a momento, buscar a manutenção de um estado de dança ou de um estado de presença possível através do ato de dançar; assim a dança deixa de querer ser agradável ou acertada, não precisa mais querer dar conta de suprir as faltas de habilidade nem de podar os excessos de expressividade. Estamos falando de desassociar a figura do bailarino de um exibicionismo apático (SIQUEIRA, 2022, p. 45)

<sup>5</sup> O trecho é o fragmento alterado de um caderno de campo ou diário de ressonâncias como chamamos, produzida por mim a partir a partir dos atendimentos feitos na clínica escola; KASSIA é a abreviação de identificação do caso aqui, cujas siglas foram modificadas para que não houvesse nenhuma possibilidade de identificação. Até porque o foco aqui não é o caso em si, mas a reverberação que ele provoca enquanto experiência de formação – por isso trabalhamos o registro e compartilhamento das ressonâncias como metodologia de ensino e pesquisa

Outro modo de se referir ao inesperado é chamando-o de improviso. Se as muitas formas de improviso podem ser convocadas como técnicas da composição das relações em ato, seja quais forem estas relações, ou como práticas de composição ao vivo, composição como este componer-se. Então, o trabalho psicoterapêutico, que estamos chamando aqui de “clínica”, orientado pelo inesperado, não quer analisar as relações depois que elas se dão ou enquanto elas se dão em outro lugar, mas sim fazê-las, compô-las ao vivo, enquanto as produz, de dentro delas. Logo, se apresenta a dimensão estética da tríade que orienta a clínica transdisciplinar (ética, estética, política). O *ethos* é assumir que tudo está disposto em regimes de sensibilidades, e que portanto tudo começa da nossa percepção.

Em termos de corporeidade, tem a ver com uma certa dosagem da invasão no cuidar e ser cuidado, o que não significa proteger a todo custo (tutela, desapropriação); na direção da experimentação cuidadosa, isso significa regular o tônus da escuta. Ganhar tônus, agora, em clínica, é possibilitar que as forças vitais ganhem corpo. E regular este tônus, no lugar da escuta, ou criar um tônus de testemunha, implica não numa apatia, mas numa dosagem – assumir a interferência e diferenciá-la da invasão.

Porque se o que produzimos não gera um produto manipulável, ou tão pouco visível, o que fazemos é da *produção dos sentidos*, o que só pode ser feito colocando pra jogo a nossa sensibilidade. O que se produz, assim, é a possibilidade de uma temporalidade outra para as nossas existências, uma temporalidade não compressora, que permite a criação de situações de saúde no sentido de força vital – saúde como vigor; promoção de saúde como estratégias de reprodução e manutenção dessa vitalidade.

Se isso que se produz, que podemos chamar aqui de produto, não se separa de quem o produz, a *situação*<sup>6</sup> de saúde, em ato de criação necessariamente envolve *nós*. Esta é uma noção importante, porque quebra positivamente a noção superada anteriormente, ou ainda em vias de superação, do Cuidado como uma separação eu/outro; como dar [atenção] *versus* receber – onde, se eu dou atenção, necessariamente fico sem; se assisto, fico desassistida. Se seguíssemos esta lógica, trabalharíamos sempre pelo princípio inescapável da falta, colado no inescapável da culpa – sempre culpada de estar ocupada, no cálculo de o quanto da minha disposição posso dar e, com a sorte rara de atingir a medida “certa” desta ocupação do outro em mim, conseguir deixar algo para que eu também sobreviva.

Assim chegamos na questão do possível – o que é possível ser feito *agora*?

<sup>6</sup> Saúde como Situação significa uma não fixação do conceito, apoiado na discussão sobre o Normal e o Patológico, que inaugura Canguilhem, e que costuma aparecer nos levantamentos da nossa Psicologia social crítica com frequência.

– que só pode ser apresentada como *intervenção cuidadosa* na clínica, se antes ela for uma prática constante dentro da equipe. Logo, aquilo que se oferece não pode ser muito distante daquilo que se pratica. A Clínica Transdisciplinar e, mais especificamente, a Clínica das Formas de Vida nos coloca o tempo todo diante da pergunta: o que é singular na sua estrutura?

Clinicar pra mim está sendo, neste momento, mais sobre *dar atenção à forma* do que ao conteúdo. Carol complementa: um aspecto mais cartográfico do que epidemiológico. A metodologia de trocar o *porquê?* pelo *como?* se renova pra mim, ganha mais uma camada, mais corpo.<sup>7</sup>

A troca em questão faz parte da operação de virada epistemológica e coloca o que Deleuze & Guattari chamaram de operação (n-1), a subtração que Mizoguchi & Passos no curso O Quente e o Frio (2022) e no livro *Transversais da Subjetividade* (2021) descrevem como “tornar a clínica tudo que ela não é”. Essa clínica, avessa do que era, agora capaz de pensar-fazer relações de saúde mental como direcionamento de situações não definidas à priori, em defesa da dignidade da vida e da singularidade de possibilidades nos modos de existir em coletivo, e não mais como o controle das ausências de perturbações individuais. Segue-se a pergunta: *como lidar com uma clínica capaz de compor?*<sup>8</sup> E dela se desdobra: *o que está em disputa em nossos corpos ao compositionarmos?*

O que está em disputa é a afirmação das nossas “próprias” [apropriação sem propriedade] singularidades, enquanto estagiáries ou pessoas-em-formação, convocades a compor, convocades a afirmar a nossa existência digna do lugar que ocupamos, o tônus da escuta em nossas possibilidades e desejos nas formas de ocupar este espaço. O que tem de singular na clínica de cada um?

Produção de sentido passa pela produção do desejo. Então podemos, quem sabe, ir aos poucos nos desvinculando da normalidade e assumindo cada vez mais nossa esquisitice, como uma provocação estética que coloca em evidência o estranhamento e incômodo, e pela afirmação de um desejo não capturado. Performar nossos corpos exaustos, precarizados, sobrecarregados, dispersos e ainda assim muito vivos, entregues, presentes, disponíveis para o encontro e para algum movimento, por menor que seja. (SIQUEIRA, 2022, p.46)

E se a minha esquisitice é o corpo, assumo que tudo que eu fizer de clínica terá corpo e consequentemente terá dança, nessa fita de dupla face

<sup>7</sup> Fragmento retirado do relato produzido por mim a partir da reunião de co-supervisão com Carolina Licks de Carvalho em 02 de novembro de 2022.

<sup>8</sup> Disparada em supervisão no dia 27 de outubro de 2022.

onde sempre que houver a palavra dança caberá a palavra corpo, e sempre que houver a palavra corpo caberá a palavra vida.

Talvez o caminho seja recentralizar a pergunta: Como defender a possibilidade de continuar dançando diante de toda e qualquer condição? Ou, porque ainda existe a necessidade de defesa diante da necessidade de dançar? É aí que mora o desejo de usar todo e qualquer aparato teórico reconhecido cientificamente para tentar dar contorno à essa necessidade inegociável: seguir dançando. Não por festividade, mas como ofício de produção de corpos vivos, e não apenas sobreviventes. (*ibidem*)

Façam suas trocas e suas apostas. A clínica, e principalmente a clínica que também opera na academia, é um lugar de um possível envaidecimento assim como a dança. E para tentar torcer isso é primeiro necessário assumir, e assumir sem sucumbir. A primeira se envaidece pelo controle do outro; a segunda pelo controle de si.

Para fins de contextualização apenas, poderíamos descrever o corpo Kassia como um corpo extremamente treinado nas ciências do cuidado – um corpo que se criou no mundo entendendo o cuidado como uma separação objetiva eu/outro. Tomado pela jornada tripla de trabalho, considerando os dois empregos formais e a casa com uma família dentro, vive orbitando nos ciclos do cansaço diário. O que se chama de autoestima, um valor atribuído a si, está mais próximo de uma autovigilância, no sentido de servir mais ao exercício do controle do que ao cuidado. As superfícies que dão suporte à produção da autoimagem, em especial a câmera frontal do celular, fortalecem experiências que estou chamando provisoriamente de *corpo-só-imagem*<sup>9</sup>.

Este corpo sem corpo, digamos assim, ou um corpo reduzido a ver e ser visto, reduzido pois contemplativo de apenas uma pequena via de experiência que é a visão se comparada a toda uma gama imensa de possibilidade dos sentidos, esse corpo social imaginário não é menos real nem menos autêntico, mas se organiza em torno de um imperativo universal de uma única existência possível. E dizemos sem pensar duas vezes que a experiência da pandemia intensificou este mecanismo na maior parte de nós, muito pouco imunes ao corpo-tela que se restringe, constringe e comprime.

*“É possível estar aqui diante da tela e não ficar rendido aos regimes de gestão da atenção?”* (SIQUEIRA, 2022, p.45) foi uma pergunta que me acompanhou durante muitos meses, inevitavelmente convocada a pensar

<sup>9</sup> O termo vem inspirado na noção de corpo-em-experiência no campo da performance (FABIÃO, 2013) - um corpo que, ao contrário, está disponível para ser experimentado para além da imagem, mas também sem negá-la; com ressonâncias na descrição da “autoimagem mortífera” dos “selfies-made-men-women” (FERREIRA, 2017, p.241); o corpo-só-imagem é, em outras palavras, um corpo reduzido aos regimes de visibilidade (BRUNO, 2013).

dentro do contexto educação-saúde-educação, nos lugares de artista, estudante e professora, sobre a gestão da atenção capturada por uma economia que “coincide com o predomínio da cultura da visibilidade” (CALIMAN, 2012, p.4). Agora, enquanto estagiária da psicologia clínica na DPA, como perceber as forças e formas do corpo online, entrecortado pelo retângulo da tela, esta forma que nos impõe a bidimensionalidade como condição de existência? Isso guiava praticamente todos os atendimentos que fiz no último semestre, uma vez que ainda em regime de trabalho híbrido, esse esquema de transição pós pandemia que era pra ser provisório e acabou se instaurando como algo entre o novo normal do precário e a potência do possível (assim alguns casos permaneceram remotos mesmo quando as atividades institucionais estavam já presenciais<sup>10</sup>).

Se lembarmos que existem psicologias perfeitamente capazes de colonizar o inconsciente, capazes de invadir o território subjetivo que também é corpo, capazes de aniquilar o que de há de mais vivo na subjetividade e, portanto, na vida vivida, isso faz da figura do psicólogo um ser a serviço não apenas da colonização do outro, mas de uma colonização de si – não somos só nós que somos convocados a comparecer a este papel, mas e próprio paciente, cliente, ou seja lá o nome que se dê, pode ser perfeitamente capaz de procurar a psicoterapia para se extrair, se explorar, se vigiar, se controlar. E assim são fortalecidos os mecanismos subjetivos da autovigilância, autocontrole e da necessidade da autoajuda, territórios existenciais de puro isolamento onde cada um é responsável sozinho pela própria saúde ou pela própria doença. E neste contexto, pensando a psicologia clínica como um campo onde a psicologia politicamente implicada é dada como uma minoria numérica vencida, resta no imaginário social da maioria “o psicólogo” como um especialista em invadir as “verdades” da propriedade psíquica privada – e você ainda paga caro por isso.

Mas felizmente temos nossos recursos. Convocando os seres imaginários<sup>11</sup>, estes podem ser entendidos não como aquilo que não existe, mas como um modo de existência, tal como definiu Souriau e tal como nos conta Lapoujade (2017) no início d’As Existências Mínimas; são justamente aqueles “que existem para nós como uma existência baseada no desejo, ou na preocupação, no medo ou na esperança, assim como também na fantasia ou no entretenimento” (SOURIAU apud LAPOUJADE, 2017, p.34). Assim, eles são seres que pertencem, pois pertencem ao discurso, cuja existência é sustentada por nossos afetos ou crenças, e que apesar de dotados certa inconsistência ainda assim nos fazem agir, falar, e pensar (LAPOUJADE, 2017).

<sup>10</sup> Na nossa equipe, os critérios para isso levaram em conta desejos e necessidades das pacientes no formato que melhor as possibilitava continuar frequentando o serviço, uma vez que o presencial envolve tempo e dinheiro para se locomover e o horário de funcionamento presencial da DPA é o horário comercial de 8h às 18h, o que dificulta o acesso dos trabalhadores.

<sup>11</sup> Os outros, além dos imaginários, são: os fenômenos, as coisas e os virtuais.

Gostaria de focar nesse imaginário vigilante da psicologia e pontuar sua conexão com um modelo confessional do nosso ofício, que herdamos das práticas cristãs de ascese, que Foucault vai entender como práticas de conhecimento de si. Essa herança facilmente compra a psicologia que reina sobre o conteúdo psíquico privado e moral, dizendo o que pode e o que não pode, e produzindo um carregamento de culpas como condição da existência – principalmente àqueles cuja existência é menos desejável por suas tendências amorais, os que vivem muito da/na carne, etc. Agora, vamos pensar num formato de atendimento que vem carregado desta herança, porém online ou remoto. A tendência é anular o corpo mais ainda.

Em tese, a câmera na cara e a boca no microfone, escancarariam imagem e amplificariam o som, fazendo do setting clínico transportado para o formato online um ecossistema ideal para fazer ver as evidências da intimidade. Não à toa, Guattari (1992), em Caosmose, chama de *olhar-video* do terapeuta essa qualidade, “o hábito de observar certas manifestações semióticas que escapam ao olhar comum” (p.19). No entanto, “fazer ver”, aqui, não está mais no sentido de aguçar a percepção e de amplificar a experiência necessariamente, mas de forçar uma invasão, de reforçar esse regime de visibilidade que não dispensa querer ver e tomar conta de tudo, que está sempre na mais alta vigília, que procura notar e anotar, ao mesmo tempo que reduz o corpo a um corpo-só-imagem. E mesmo achando tudo isso bizarro não é difícil cair nisso – pelo contrário, o difícil é cair e sair disso.

Mas então, como se preparar para perceber e testemunhar o corpo-além-da-imagem e além do setting? Nesse sentido, Lapoujade (2017, p.12) nos orienta, de novo, ao nos colocar diante da pergunta: “*como tornar mais real aquilo que já existe?*”, uma vez que “*são diversas as maneiras de ganhar realidade, de adquirir maior presença*” (2017, p.11).

Ainda, como tornar o corpo mais corpo? Como tornar o corpo mais corpo, a ponto de ultrapassar a tela? Como tornar o corpo mais corpo, a ponto de ultrapassar o clima de confessionário que a nossa postura pode impor mesmo sem querer? E como tornar o corpo mais corpo, a ponto de *fazer valer* - aí sim, no sentido de afirmação da existência - sua dimensão mais encarnada, inesperada, fora do nosso controle e fora do nosso conforto?

Se a medida entre conforto e desconforto já é borrada o suficiente na clínica de setting tradicional - a exemplo do modelo do divã do Freud criado para descansar o corpo do analista do incômodo de ser visto nessa posição<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Miguel Lacerda Neto, ex-aluno e depois co-supervisor da Clínica das Formas de Vida, em uma de suas brilhantes intervenções em supervisão fez uma nota de rodapé despretensiosamente preciosa: Freud não fez o divã virado pra parede para que, ao escapar do olhar analista, a pessoa pudesse melhor liberar o fluxo de conteúdo do inconsciente para o consciente ou qualquer coisa

- imaginem o que vaza no contexto remoto, onde atendemos os pacientes dos nossos quartos, nos olhando no espelho da câmera, e eles também em suas casas (na melhor das hipóteses, isto é, quando têm o espaço-tempo da intimidade disponível para o encontro clínico, o que a maioria dos trabalhadores brasileiros não têm), de cara pro próprio espelho e ouvindo o eco da própria voz o tempo todo. Invadimos e somos invadidos, o tempo todo, interrompemos e somos interrompidas, o tempo todo. Mesmo com a suposta privacidade, a relação com a privacidade é outra, a capacidade de atenção à fala é outra, o desconforto e o conforto dos corpos dispostos nas funções paciente e analista (estagiário) são outros. Enfim, isso de testemunhar, perceber, tudo precisa ser reconfigurado. É tudo possível, mas precisa ser reconfigurado, re-experimentado, e não apenas transportado. Pensando essa recomposição do vínculo a partir da dança:

O que antes acontecia entre dois corpos, agora acontece entre muitos corpos ao mesmo tempo, mediados pela tela. Essa é uma diferenciação importante: eu não danço com a tela, eu danço com outra pessoa, mas a tela é uma mediadora do nosso encontro. Então não dá pra ignorar a presença da tela e fingir que o outro está materialmente do meu lado, isso não funciona. Mas também não podemos ignorar o fato de que o outro direciona seu movimento até mim, e que isso provoca um efeito que ultrapassa a imagem. Isso se chama campo, e é um fio-terra que volta e meia precisa ser lembrado. (SIQUEIRA, 2022, p.44)

Então, é possível estar aqui diante da tela e não ficar rendido aos regimes de atenção que comprimem? Como perspectivar essa imagem além da imagem? Na ocasião deste ensaio citado, parti do entendimento de que é a *presença* ou a *atenção compartilhada* ou a *sintonia afetiva*, esse dispositivo produtor de um ecossistema atencional singular (ROMERO, 2018). Agora, mais vinculada à CFV e às suas referências, parto também da *nuvem dos virtuais*, domínio dos seres que abençoam o inconcluído, enquanto fragmentos de novas possibilidades: “*esses seres são começos, esboços, monumentos que não existem e que talvez nunca existam. Talvez a ponte quebrada seja restaurada, o esboço nunca seja concluído, a narrativa não tenha continuação...*” (LAPOUJADE, 2017, p. 36).

A imagem da nuvem coloca o pressentimento como uma qualidade imanente necessária para a tomada de decisões: “*os virtuais não ditam, não aceitam ou negam nada; eles parecem formar uma nuvem onde toda decisão torna-se uma questão de pressentimento, de divinação ou de intuição*” (ibidem,

---

do tipo. Freud fez o divã virado para a parede para que, ele próprio, na função de analista, pudesse descansar seu olhar e todo o seu corpo, para que não precisasse sustentar por horas a fio uma “postura de analista” (o que a psicanálise de veia francesa chamou de *sémantique*). Então retorno à pergunta *como sustentar este corpo na função psicóloga* para diferenciar essa postura de analista, que foi tomada como representativa mas não é, para perceber mais posturas de escuta possíveis, mesmo num clássico setting clínico.

p.40). Assim, a força dos virtuais reside justamente no seu problema, que é oferecer e abandonar os sinais que poderiam nos guiar onde, onde e como intervir (ibidem). Chegamos então numa frase que sintetiza, sem comprimir, a atuação da CFV (e especialmente a atuação online ou remota) a partir dos seres virtuais: *como pode um ser, no limite da inexistência, conquistar uma experiência mais “real”, mais consistente? Com que gesto?* (ibidem, p.41)

O que estamos chamando aqui de *vínculo* é possível de ser ativado e trabalhado remotamente, com outras especificidades, com outras janelas de atuação e de intervenção, mas possível de ser trabalhado ainda enquanto dimensão corporal. Isso acontece a partir da atenção aos pequenos gestos, não para interpretá-los, mas simplesmente para percebê-los e, a partir desta percepção, despertar ações possíveis, como num jogo de improvisação. Vários acúmulos nos últimos três anos tornaram este jogo pela tela possível, desde o início da pandemia, que foram instaurando as condições de possibilidade para se colocar diante dos encontros, criando condições reais de *presença* nas condições inóspitas. Nem todas as contribuições eu seria capaz de nomear, uma vez que criar estratégias para a manutenção do corpo vivo nos diferentes ecossistemas de atenção tem sido um exercício diário, e que também me faz questionar as fronteiras entre o que é trabalho e o que é simplesmente a vida vivida.

Voltamos então aos virtuais, estes seres que assumem a sua fragmentação e a sua não existência justamente como possibilidade de existir mais. Em outras palavras, assumimos então nosso caráter virtual, não como o oposto do real, mas justamente como aquilo que nos permite exercer a realidade no seu limite, na sua radicalidade, provocando as fronteiras disso que chamamos em performance de estado de presença.

No caso KASSIA, aos poucos seu corpo vai ganhando sinais de materialidade diante de mim e vou percebendo, e sempre que possível devolvendo, enquanto testemunha, os sinais desse corpo-além-da-imagem. “*Sempre que ficar em dúvida entre se colocar demais ou de menos, lembre-se que quem está diante de você é uma pessoa, e isto não é pouca coisa*”<sup>13</sup>. A partir daí, sempre que não sei o que dizer ou que me vejo afobada ou paralisada durante o atendimento, nessa tela que esfria, ou quando me percebo capturada pela interpretose [mania de interpretar] de “ter que” acompanhar algum fluxo de pensamento, lembro-me que o que está diante de mim é um corpo VIVO [em caps lock para não perder a vivacidade de vista] e isso não é pouca coisa.

É sobre estar atenta aos movimentos sutis ao se colocar: *e eu, do outro lado da tela, quais pactos eu sustento? Sustento o pacto de não esquecer que diante de mim está um corpo. Um corpo vivo.* É importante estar atenta a esses

<sup>13</sup> Frase de Carol Licks em co-supervisão no dia 02 de novembro de 2022.

movimentos que se seguem enquanto ação, enquanto ação performática sensível ou enquanto *corpo-em-experiência* como coloca Fabião (2013), e não enquanto representação. E por isso o programa performativo aqui é vital, para perceber as miudezas (ou grandezas) das ações dignas de serem notadas nas suas diversas escalas, tamanhos, enquadramentos e tonalidades - testemunhadas enquanto movimentos vitais que são. São então estes os dispositivos que nos colocam entre a performance e o cuidado (porque se a performance privilegia a percepção da ação, o cuidado coloca o tom do espaço clínico); e se articulam para criar a tridimensionalidade necessária em termos de percepção, o corpo-além-da-imagem para quebrar com a fixação de um corpo-só-imagem, isto é, o corpo comprimido pela tela, enquanto um regime de atenção, mas não só, enquanto território existencial também.

Se o improviso é a técnica de composição das relações em ato, ou prática de composição ao vivo, e a psicologia é o “saber” fazer relações, o trabalho *psi* orientado pelo inesperado não quer analisar as relações, mas sim fazê-las, compô-las ao vivo, enquanto as produz, com a finalidade apenas de testemunhá-las.

Qual a ‘arte’ que permite que as existências aumentem sua realidade? São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tornarem-se mais reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de apreender seu valor e sua importância. Portanto, antes de colocar a questão do ato criador que permite instaurá-las, é preciso perguntar o que é que permite percebê-las. (LAPOUJADE, 2017, p.41).

Ao nos perguntarmos o que é que permite percebê-las no contexto diante da câmera é inevitável esbarrar de novo e de novo na questão da visibilidade. Contradicoriatamente, talvez, no excesso de teimar em querer ver e ser visto, seja justamente este excesso que produz a invisibilização de alguns corpos. Sendo visibilidade outro nome para existência nesta cultura em que estamos imersas, a visibilidade e a invisibilidade são uma fita de dupla face que, no limite, geram a existência colada na inexistência. Porque ao ver algo, supõe-se que se vê tudo. Não tomamos o fragmento como fragmento, teimamos em tomá-lo como um representante do todo, puramente imaginário, ficcional e, neste sentido, vinculado a um sistema de crenças – portanto, obviamente parcial e subjetivo (nada objetivo, nada privado).

É preciso lembrar que toda narrativa em psicologia e ainda mais na psicologia clínica, ainda que na psicologia clínica social, tratará sempre de uma ficção. Porque se tudo é produção e se o que produzimos não gera um produto manipulável, mas sim perceptível, ainda que nem sempre visível, o que fazemos é a *produção de sentidos* a partir das forças e formas que lhes dão

corpo. Se lembrarmos dos fios que nos sustentam, a ética a estética e a política, reivindicaremos ainda a produção de uma estética (um regime de sensibilidade) capaz de reconhecer e afirmar a vida digna e eticamente qualificada enquanto um posicionamento político – uma disputa da percepção que se dá em um corpo quando se coloca diante de outro. Numa hipótese otimista, o que se produz é, acima de tudo talvez, a possibilidade do *encontro* – diante da presença, a instauração de uma temporalidade outra para as nossas existências, uma temporalidade não compressora, que permite situações de saúde mais do que situações de adoecimento – para quem atende tanto quanto para quem é atendido.

Assim saímos temporariamente do campo do impossível para adentrar nos campos dos possíveis. O que é possível no encontro testemunhado de si? O que é possível no real da saúde do trabalhador? O que é possível no real do atendimento remoto? O que é possível no real de uma clínica escola? Quais regimes de sensibilidade são possíveis de serem trabalhados no corpo no real do atendimento remoto no contexto de uma clínica escola?

Ainda sem respostas, estas perguntas são colocadas constantemente enquanto operadores práticos do passo a passo da construção do vínculo e de uma clínica eticamente qualificada (FERREIRA, MARTINS & VIEIRA, 2016). E tratando-se de uma metodologia incorporada, aquilo que se oferece não pode ser muito distante daquilo que se pratica - a tal da vida digna e eticamente qualificada. Portanto, se o que estamos oferecendo é uma clínica atenta aos gestos vitais, construir um trabalho vivo<sup>14</sup> em psicologia parte deste mesmo lugar. Isto é, construir um trabalho que fortaleça os vínculos vitais alheios, na nossa percepção, passa então pelo processo de fortalecer os nossos vínculos vitais<sup>15</sup>. Porque para reconhecer a vitalidade diante de mim, para reconhecer o que pode ser o corpo diante do encontro clínico além das prescrições, para reconhecer que diante de mim está um corpo vivo em caps lock e que isso não é pouca coisa, preciso eu mesma, antes, enquanto e após, me reconhecer também como um corpo vivo. E a não neutralidade de que estamos falando, a queda do semblante apático, a rachadura no iceberg, o aquecimento das distâncias, tudo isso é, necessariamente, colocar o corpo pra jogo. E sem tempo pra salvacionismos:

se em alguma medida somos fundados nas matrizes messiânicas do sebastianismo, se esperar a salvação futura é para nós uma prática constante, o momento presente, em que perdemos aos poucos o direito de futuro de um país desejado, é, talvez, ironicamente, a oportunidade de nos fazer abandonar a

<sup>14</sup> “O trabalho vivo é uma experiência do real, do indiferenciado, do que possibilita uma passagem para o diferenciado, mas sem se deixar capturar por ele. O trabalho vivo é processo, fazer no limite das configurações produzidas pelas forças do real” (FERREIRA, 2017, p. 240).

<sup>15</sup> E é justamente por isso, por cuidar da vitalidade do nosso trabalho, que nos organizamos em autogestão - a gestão das autonomias singulares.

frustração com o futuro prometido para nos afirmarmos como *um campo aberto de experimentações* (MIZOGUCHI & PASSOS, 2021, p. 11, grifo meu).

## REFERÊNCIAS

- BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CALIMAN, L. Os regimes da atenção da subjetividade contemporânea. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 2-17, 2012.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005. v. 1
- FABIÃO, E. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. In: **Revista do LUME**. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. N4, dez. 2013.
- FERREIRA, J. B. “Espelhos partidos tem muito mais luas”: por uma poética das formas-de-vida. In: **ECOS**: Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, 2017.
- FERREIRA, J. B.; MARTINS, S. R.; VIEIRA, F. O. Trabalho Vivo como apropriação do inapropriável e criação de formas de vida. In: **Revista Trabalho (Em)Cena**, v. 1, n. 1, p. 29-49, jan/jun. 2016.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 1. Ed. Rio de Janeiro, editora 34, 1992. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.
- LAPOUJADE, D. **As Existências Mínimas**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017. Tradução: Hortencia Santos Lencastre.
- LISPECTOR, C. **Um sopro de Vida**. Rocco, 2019.
- MIZOGUCHI, D.; PASSOS, E. **Transversais da Subjetividade**: arte, clínica e política. 1. ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2021
- O RAPPA. **Intro 5**. Álbum “O silêncio que precede o esporro”. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2003.
- SIQUEIRA, F. B. D. Vale tudo só não vale qualquer coisa: cognição incorporada e produção compartilhada de sentido nos encontros de dança e improvisação online. **Revista TKV**, v.1, n9, 2022.